

Filosofia da mente, dualismo e zumbis

Leonardo Moreira Gomes

Universidade Federal do Paraná
<https://orcid.org/0000-0003-4267-7709>

Resumo: O presente ensaio visa apresentar de forma breve e modesta uma introdução à filosofia da mente. Deste modo, abordaremos os seguintes tópicos: I) a relevância e a contribuição do dualismo para a filosofia da mente, posteriormente surgindo a reflexão sobre mente-cérebro; e, finalmente, II) o argumento do zumbi filosófico. A partir desta apresentação conclui-se que os tópicos levantados sobre a relevância do dualismo para a filosofia da mente e debate em torno do argumento do zumbi filosófico contribua para a inquietação e investigação sobre a mente.

Palavras-chave: consciência; dualismo; filosofia da mente; zumbi filosófico.

Abstract: This essay aims to present in a brief and modest way an introduction to the philosophy of mind, in this way, we will address the following topics: I) the relevance and contribution of dualism to the philosophy of mind, later on the reflection on mind-brain; and, finally, II) the philosophical zombie argument. From this presentation it is concluded that the topics raised on the relevance of dualism to the philosophy of mind and debate around the philosophical zombie argument contribute to the restlessness and investigation about the mind.

Keywords: consciousness; dualism; philosophy of mind; philosophical zombie.

I think that consciousness has always been the most important topic in the philosophy of mind, and one of the most important topics in cognitive science as a whole, but it had been surprisingly neglected in recent years.

David Chalmers

INTRODUÇÃO

A filosofia da mente é uma das subáreas da filosofia, consolidando-se em meados do séc. XX. Entretanto, ao fazermos uma história da filosofia da mente veremos que as reflexões e problematizações sobre a mente são milenares, isto é, antes mesmo da consolidação da filosofia da mente, os filósofos interessavam-se pelas questões sobre a mente e o seu entorno. Filósofos como Platão (428 a.C. – 347 a.C.) e René Descartes (1596 – 1650) são fundamentais para o surgimento da filosofia da mente. Embora estes filósofos sejam reconhecidos como cruciais para a gênese da filosofia da mente, ambos são criticados devido ao destaque que dão dualismo. Mesmo sendo alvos de crítica, o dualismo ainda assombra a filosofia da mente através do problema mente-cérebro.

Tomando como ponto de partida o dualismo, esboçaremos, ainda que de uma forma geral e modesta, uma introdução à filosofia da mente e, a partir disso, apresentaremos uma teoria dualista desenvolvida pelo filósofo australiano David Chalmers. Apresentaremos também uma hipótese desenvolvida pelo mesmo autor, sobre a possibilidade de existência de zumbis, o zumbi filosófico.

DUALISMO

O termo dualismo aparece em meados do séc. XVIII, na obra de Thomas Hyde (1636 – 1703), *Historia religionis veterum pesarum* (1700), e é criado para explicar uma característica mística da doutrina de Zoroastro. No entanto, a interpretação sobre o dualismo no sentido filosófico deve-se a Christian Wolff (1679 – 1754). Segundo Wolff, o dualismo concebe a existência de duas substâncias: a material e a espiritual.

Para os filósofos da mente, no entanto, o dualismo está inserido no debate mente-cérebro. Segundo os dualistas, a mente e o cérebro são distintos. Mas, antes de adentrar ao debate contemporâneo sobre o dualismo na filosofia da mente, é pertinente voltarmos para a história da filosofia para compreendermos o que se passa na contemporaneidade. Daremos destaque a dois pensadores, Platão e René Descartes.

Em sua obra mais conhecida *A República* (380 a.C.), Platão apresenta o seu entendimento sobre o dualismo. No livro *VII*, o filósofo apresenta a alegoria da caverna. Nela o filósofo convida o seu leitor a imaginar uma caverna subterrânea profunda, onde existem alguns prisioneiros acorrentados, ou seja, os prisioneiros encontram-se impossibilitados de movimentar-se. Entretanto, em frente aos prisioneiros existe um paredão, e nele, os prisioneiros visualizam as sombras de alguns objetos. Deste modo, para os prisioneiros, as sombras destes objetos são reais, ou seja, são os verdadeiros objetos. De forma misteriosa, um dos aprisionados liberta-se de suas correntes. Ao estar livre, o indivíduo em questão abandona a caverna e, ao sair, descobre que as sombras dos objetos que ele via na caverna não são verdadeiras. (PLATÃO, 2001, p. 315-317).

Podemos considerar esta passagem do livro *VII* da *República* como uma ilustração para compreendermos o dualismo, deste modo, Platão estabelece a existência das *ideias* metafisicamente anteriores às coisas, dividindo a realidade em duas: o mundo inteligível, constituído por ideias, e o mundo sensível, onde se encontram as coisas, as pessoas etc.

Platão inaugurou a *dualidade de realidades* ou o *dualismo ontológico*. Ao inventar o mundo das ideias espalhou a discórdia entre os filósofos, que nunca mais chegaram a um consenso sobre o que existe ou não, se o mundo é aquilo que vemos ou se existe algo para além daquilo que os nossos sentidos nos mostram. (TEIXEIRA, 2003, p. 18).

Mesmo com a contribuição de Platão, René Descartes que ganha notoriedade na história da filosofia da mente. A filosofia cartesiana inaugura o problema corpo-mente. No entanto, para chegar nesta conclusão, Descartes elabora nas *Meditações sobre a Filosofia Primeira* (1641), título também traduzido como *Meditações Metafísicas*, obra na qual segue enunciado “Eu sou, eu existo”, que é elaborado na segunda meditação. Segundo o método da dúvida aplicado por Descartes, é possível duvidar de praticamente tudo, porém, enquanto duvidamos, estamos pensando e, assim, não se pode duvidar da própria existência. Seria irracional duvidar da própria existência enquanto pensamos, ou seja, podemos ser enganados por nossos sentidos, mas não pelo nosso raciocínio, desde que sigamos o método correto para a condução do pensamento. Pressupõe-se, assim, uma distinção entre o corpo (ao qual se relacionam as sensações) e a mente (raciocínio) e, assim, constatam-se graus diferentes de certeza que se pode obter a partir da investigação de como conhecemos, quer a natureza, quer os nossos próprios processos cognitivos.

Foi Descartes (1596-1650) que, pela primeira vez, formulou explicitamente a necessidade de se distinguir entre mente e corpo. Claro que outros filósofos, desde a antiguidade, já haviam refletido sobre a natureza da alma (ou da mente) e apontado para aquilo que julgavam algumas de suas características especiais, como por exemplo, a imaterialidade e a imortalidade [...] Descartes era um dualista. Ele supunha que mente e matéria tinham propriedades radicalmente diferentes. Um pedaço de matéria, por menor que fosse, sempre seria divisível. O mesmo não poderíamos afirmar acerca de uma ideia ou de um estado mental: não teria cabimento supor que um dia poderíamos dividir um pensamento em fatias, da mesma forma que fazemos com um pedaço de pão ou uma barra de ferro. Mesmo quando temos uma ideia complexa e procuramos transformá-la em várias ideias simples,

cada uma delas será sempre uma unidade indivisível (TEIXEIRA, 2016, p. 20-21).

Existem diversas variedades de dualismo em filosofia da mente, pelo menos duas possuem notoriedade: o *dualismo substancial* e o *dualismo de atributos*. Sobre o *dualismo substancial*, a maioria dos filósofos concorda que o principal representante desta teoria dualista é Descartes. O dualista substancial concede a existência de uma substância mental, ou seja, tal substância é distinta e incompatível com o mundo material. Além de ter tido alguma relevância no debate filosófico sobre a mente, é principalmente no debate metafísico e teológico que o *dualismo substancial* ganhará espaço, pois a substância pode ser interpretada como a alma que transcende o corpo, em existência e também em dignidade. Já o *dualismo de atributos* parte do pressuposto de que o estado mental é uma propriedade especial, ou seja, embora o dualista de propriedades rejeite o fisicalismo, ele concede a existência de algumas porções de matéria no mundo.

O dualismo de propriedades se assemelha deveras com outros estilos de dualismo, porém ele se diferencia do dualismo Cartesiano no quesito metafísico de substância. Para o dualismo de propriedades não é necessário a postulação de outra substância além do próprio cérebro, e este teria consigo certas propriedades peculiares com relação a todos os outros objetos físicos existentes. As tais peculiaridades seriam não-físicas, como as experiências de cor, a possibilidade consciente de pensar em algo assim por diante. São elas chamadas de não físicas, pois não podem ser explicadas exclusivamente pelos conceitos ortodoxos da física atual. Requerem uma ciência dos fenômenos mentais (BARTOSZECK, 2006, p. 8).

Mesmo sendo anterior à formalização da filosofia da mente, o dualismo está diretamente ligado ao debate reflexivo sobre a origem e a natureza da mente.

FILOSOFIA DA MENTE

Em 1949 é publicado o livro *The Concept of Mind*, do filósofo inglês Gilbert Ryle (1900 – 1976). Do mesmo modo que Ryle é considerado como o primeiro filósofo da mente, sua obra inaugura a própria filosofia da mente. Em *The Concept of Mind*, Ryle ataca o dualismo substancial cartesiano, pois, para ele, Descartes havia cometido um erro categorial. Para o filósofo, durante o desenvolvimento de seus argumentos, Descartes havia confundido as categorias ao entender a mente e o corpo como pertencente à categoria *substância* (PILAN, 2008, p. 253). Deste modo, Ryle elabora a célebre crítica ao dualismo cartesiano através da elaboração do fantasma na máquina.

É esta, em linhas gerais, a teoria oficial. Falarei muitas vezes dela, com exagero deliberado, como o “dogma do Fantasma na Máquina” [*Ghost in the machine*]. Espero provar que ela é inteiramente falsa, não em pormenor, mas em princípio. Não é uma mera reunião de erros particulares. É um grande erro e um erro de gênero especial. É, designadamente, um erro de categoria [*category-mistake*]. Representa os fatos da vida mental como se pertencessem a um tipo ou categoria lógicos (ou domínio de tipos ou categorias), quando efetivamente pertencem a outra categoria (RYLE, 1970, p. 17).

Deste modo, percebemos que, desde a consolidação da filosofia da mente, o dualismo recebe críticas de seus opositores, dentre eles estão os materialistas. Segundo esta vertente na filosofia da mente, mente-cérebro não são distintos. Os materialistas defendem que o mundo e os fenômenos que ocorrem no mesmo são compostos e resultantes da matéria. Assim, podemos afirmar que o debate entre os dualistas e os materialistas encontra receptividade entre os filósofos da mente, sendo um importante filósofo da mente materialista contemporâneo o estadunidense Daniel Dennett.

Mesmo havendo divergência entre os dualistas e os materialistas, a questão corpo-mente sempre orientou (e mesmo desorientou) os filósofos da mente. Reconhece-se, portanto, que a mente não é um campo de investigação exclusivo

dos filósofos. Áreas como a psicologia, a neurociência, a inteligência artificial, e mesmo a física quântica também se dedicam a refletir e compreender a mente.

Com o avanço da neurociência o debate sobre a mente intensificou-se mais ainda, mesmo não chegando a uma conclusão definitiva sobre o que é a mente, os filósofos da mente foram deixando de lado o dualismo, considerando que o pressuposto que a mente não se encontra no cérebro começa a tornar-se obsoleto. “A partir dos anos 1980, todavia, o vertiginoso progresso das neurociências revelou a existência de um número cada vez maior de ligações existentes entre fenômenos cerebrais e processos mentais” (CESCON, 2010, p. 321). Embora sem a mesma notoriedade que havia no passado, o dualismo ainda contribui para o debate sobre a mente. Com o seu *dualismo naturalista* o filósofo australiano David Chalmers contribui para a reflexão em filosofia da mente, considerando a hipótese de que a consciência possui algo peculiar, pois Chalmers parte do pressuposto hipotético de que zumbis existem. Desta maneira, o que distingue um humano de um zumbi é, justamente, a consciência.

Chalmers defende que mente e consciência não são sinônimos. Para o filósofo, definir o que é a consciência é desafiador para os filósofos e também aos demais pesquisadores da mente.

Não há nada que conheçamos mais intimamente do que a experiência consciente, mas não há nada que seja mais difícil de explicar. Vários tipos de fenômenos mentais se submeteram à investigação científica nos últimos anos, mas a consciência resistiu obstinadamente (CHALMERS, 2020, p. 320).

No entanto, ao tentar definir a consciência, Chalmers irá desenvolver o que será denominado como o problema da consciência, que se desdobra em ao menos dois outros problemas.

DAVID CHALMERS: O DUALISMO E OS ZUMBIS

David Chalmers ganhou notoriedade ao publicar *The Conscious Mind: In Search of a Fundamental Theory* (1996). A obra de Chalmers pertence ao conjunto de obras influentes em filosofia da mente, mais especificamente no debate sobre a consciência. *The Conscious Mind* é lida tanto por seus simpatizantes quanto por seus críticos, contribuindo para intensificar ainda mais o debate sobre a origem da consciência.

É neste contexto que se insere o livro de D. J. Chalmers, "The Conscious Mind", talvez a tentativa mais recente de se formular uma teoria abrangente da natureza da consciência. Sua teoria é ousada e corre na direção oposta a tudo o que os cientistas cognitivos e neurocientistas desejam: reduzir estados conscientes a uma base neurofisiológica ou física (TEIXEIRA, 1997, p. 109).

Antes de apresentarmos a teoria da consciência desenvolvida por Chalmers, é pertinente fazermos uma breve apresentação sobre o que se entende por consciência. A pergunta o que é consciência sempre trouxe inquietação aos filósofos, entretanto, a partir da segunda metade do séc. XX, os psicólogos, os neurocientistas, cientistas cognitivos e cientistas da computação também voltaram a sua atenção para este tema. Assim, os estudos sobre a consciência não ocorrem de forma isolada, mas sim de forma coletiva, podendo ser considerado um campo de estudo interdisciplinar.

Ao nos questionarmos sobre a consciência, outras questões surgem, tais como: O que é estar consciente? É possível localizar e quantificar a consciência?

São estes questionamentos que guiam os filósofos da mente, no entanto, não são apenas os filósofos que investigam e buscam compreender o que denominamos de consciência, ou seja, o problema da consciência pode ser considerado como a última fronteira, até mesmo para as ditas ciências duras.

Até o filósofo tem muitas dificuldades para falar desta incompreensível, mas concreta realidade, porque o desenvolvimento contínuo e, muitas vezes, imprevisível do conhecimento científico sobre o cérebro (evolutivo) agrega elementos sempre novos à reflexão. Mas também não

é fácil para o cientista, porque estes conhecimentos científicos sobre o cérebro ainda não produziram nenhuma teoria da consciência consciente de si. [...] A nossa experiência consciente é constituída por inumeráveis estados qualitativos, ou seja, odores, sabores, dores, sensações táteis, sinestésicas, proprioceptivas; e, ainda, prazeres, emoções, estados de espírito etc. Todas estas sensações são profundamente reais e indubitáveis e envolvem a nossa vida subjetiva. Mesmo assim, não está claro que relação exista entre a consciência e a realidade que a circunda (CESCON, 2009, p. 15-16).

Entretanto, o ponto de partida de Chalmers se opõem ao das teorias científicas e filosóficas sobre a natureza da consciência. Segundo o filósofo, não devemos tomar a consciência como ponto de chegada, mas sim como ponto de partida, quando se trata de uma teoria sobre a mente. Ao tomar a consciência como ponto de partida já percebemos que Chalmers diverge da posição materialista dos neurocientistas e dos filósofos. E, ao se opor ao materialismo, Chalmers elabora uma nova teoria dualista: o *dualismo naturalista*.

Mesmo divergindo do materialismo, o *dualismo naturalista* de Chalmers não tem a pretensão de superar a perspectiva materialista da mente, pois, segundo o próprio filósofo, o seu dualismo é compatível com a visão científica do mundo, além disso, também não possui nenhum misticismo ou espiritualidade em sua teoria.

Seria possível ser dualista sem ao mesmo tempo abraçar qualquer tipo de compromisso religioso? E seria possível ser dualista e, ainda assim, compatibilizar essa posição com a existência futura de máquinas inteligentes, isto é, sem romper com o programa teórico da inteligência artificial? Esse é o tipo de dualismo desenvolvido pelo filósofo australiano David Chalmers. Seu livro *The Conscious Mind* [A mente consciente], publicado em 1996, constitui uma das tentativas mais recentes de formular uma teoria abrangente da natureza da mente e da consciência (TEIXEIRA, 2003, p. 86).

Em *The Conscious Mind*, antes de apresentar o seu dualismo, Chalmers, na segunda parte do seu livro, na sessão *The Irreducibility of Consciousness* apresenta seus argumentos contra as teorias fisicalistas da consciência.

Quase tudo no mundo pode ser explicado através de termos físicos: e é natural esperar que a consciência seja explicada dessa forma também. Nesse capítulo, contudo, irei argumentar que a consciência escapa da rede da explicação reducionista. Nenhuma explicação dada em termos físicos pode explicar o surgimento da experiência consciente [...] Para fazer o caso contrário à explicação reducionista, nós precisamos mostrar que a consciência não é logicamente superveniente ao físico. A princípio, nós precisamos mostrar que não sobrevém globalmente, isto é, todos os fatos microfísicos no mundo não envolvem fatos sobre a consciência (CHALMERS, 1996, p. 94).

Ainda na segunda parte de seu livro, no capítulo 4, *Naturalistic Dualism*, ao apresentar as suas objeções contra as teorias científica e filosófica materialista (fisicalista e reducionista) da consciência. A partir dessas objeções, David Chalmer, finalmente, apresenta os motivos para desenvolver a sua perspectiva dualista.

Para capturar o espírito da visão que eu defendo, que eu chamo de dualismo naturalista. É naturalista porque postula que tudo é consequência de uma rede básica de propriedades e leis, e por que é compatível com todos os resultados da ciência contemporânea. E como acontece com as teorias naturais em outros domínios, esta visão permite que pode explicar a consciência em termos de leis básicas da natureza. Não precisa haver nada de especialmente transcendental sobre consciência; é apenas mais um fenômeno natural. Tudo que aconteceu é que nossa imagem de natureza expandiu. Às vezes “naturalismo” é tomado como sinônimo de “materialismo”, mas parece-me que o compromisso com a compreensão naturalista do mundo pode sobreviver ao fracasso do materialismo [...] Alguns podem encontrar uma certa ironia no nome do olhar, mas o que é mais importante é que transmite a mensagem central: abraçar o dualismo não é necessariamente abraçar o mistério (CHALMERS, 1996, p. 129).

Em seu artigo, *Naturalistic Dualism* (2017), Chalmers apresenta argumentos que o levou a formular seu *dualismo naturalista*:

Na verdade, a estrutura geral dessa posição é inteiramente naturalista, permitindo que, em última análise, o Universo se reduza a uma rede de entidades básicas obedecendo às leis simples, e permitindo que, em última análise, possa haver uma teoria da consciência moldada em termos de tais leis. Se a posição é ter um nome, uma boa escolha pode ser dualismo naturalista (CHALMERS, 2017, p. 364).

Deste modo, concluímos que, para Chalmers, a consciência, a experiência consciente é uma propriedade não-física do mundo (BORGONI, 2001, p. 97). E, assim, o dualismo proposto pelo filósofo é uma ferramenta para fundamentar a sua hipótese do zumbi filosófico.

A hipótese do zumbi filosófico ganha notoriedade com Chalmers, entretanto, não é ele quem primeiro formula a hipótese. A formulação do zumbi hipotético deve-se ao filósofo estadunidense Robert Kirk. Sendo assim, o termo surge originalmente nos artigos *Sentience and Behaviour* e *Zombies v Materialists*, ambos de 1974. Segundo Kirk, o zumbi filosófico não pertence ao estereótipo hollywoodiano, diferindo da imagem de zumbi da cultura pop, isto é, uma criatura horrenda, que se alimenta de cérebro humano vivo. O zumbi filosófico surge, ao contrário, como um ser hipotético que contribui para a reflexão sobre alguns problemas da filosofia da mente.

Zumbis em filosofia são criaturas imaginárias projetadas para iluminar problemas sobre consciência e a relação com o mundo físico. Ao contrário dos filmes ou bruxaria, eles são exatamente iguais a nós em todos os aspectos físicos, mas sem experiência consciente: por definição não há ‘nada que seja’ seja um zumbi. No entanto, os zumbis se comportam exatamente como nós, e alguns até passam muito tempo discutindo consciência (KIRK, 2019).

Em *The Consciousness Mind*, David Chalmers retoma a hipótese do zumbi filosófico para compreendermos a sua reflexão sobre a consciência. Chalmers convida o seu leitor a imaginar um gêmeo zumbi, isto é, um ser totalmente idêntico a si mesmo, desde as moléculas até os seus comportamentos. O gêmeo zumbi faz as mesmas atividades, possui as mesmas sensações que possuímos. Deste modo,

podemos concluir que os zumbis vivem entre nós, ou podemos ir além, existe um mundo zumbi. Como saber se somos um zumbi ou não?

Para Chalmers, o único modo de diferenciar ele do seu gêmeo zumbi é que ele (Chalmers) possui experiência consciente, que ele denomina *qualia*. Em filosofia da mente podemos compreender *qualia* como uma qualidade subjetiva das experiências mentais conscientes, tais como o tom de vermelho da cor vermelha.

Os *qualia* estão associados à fenomenologia das cores, sons, sabores, aromas e sensações tátteis que enriquecem nossas experiências. Como é experienciar cores, sons, músicas, odores diversos, sentir dores, ódios e amores? Os *qualia* podem constituir um modo específico de ser de qualquer indivíduo ao determinar os modos de ser de todo indivíduo. Não se referem às propriedades dos objetos em si, tais quais cores, sons e cheiros, mas às experiências individuais que essas qualidades suscitam no indivíduo, chamada de “propriedades sensitivas subjetivas” que acompanham toda percepção. É possível conhecer a mente humana ou o que é chamado de consciência? Os estudos das ciências empírico-lógicas dizem que sim. Há os que consideram as bases da *consciência-de-si* em termos metafísicos, ou seja, quanto aos modos de ser dos fenômenos mentais no mundo, e aqueles que a entendem pelas ciências empírico-lógicas das neurociências por meio de pesquisas sobre as inteligências artificiais. No século XX, os estudos da consciência foram desvalorizados em detrimento do conceito de inconsciente, o psiquismo sob leitura psicanalítica, considerando o pensamento e as ações conscientes como influenciados pelo inconsciente. Atualmente são entendidos como aspectos de um mesmo processo mental e seus temas estudados com interesse: emoções, memória, subjetividade entre qualia e consciência, intencionalidade, etc. (JORGE, 2007, p. 56-57)

Ou seja, é a partir dos *qualias* que obtemos as experiências sensoriais da consciência nossa própria consciência. “Os filósofos costumam usar o termo “qualia” (singular de “quale”) para se referir aos aspectos fenomenais introspectivamente acessíveis de nossas vidas mentais” (TYE, 2018).

Como dito anteriormente, após a publicação de *The Consciousness Mind*, o debate na filosofia da mente tornou-se mais interessante, pois os filósofos da mente do mundo inteiro se dedicaram ao problema dos zumbis filosóficos.

Destaque ao brasileiro Gustavo Leal Toledo, em *O Argumento dos Zumbis na Filosofia da Mente: são zumbis físicos logicamente possíveis?* (2005), em que o filósofo apresenta argumentos do porquê não ser logicamente possível e mesmo apresentando as razões do argumento do zumbi filosófico não ser suficiente para criticar o materialismo.

CONCLUSÃO

Mesmo com todo avanço nos estudos sobre a consciência, seja no campo das ciências ou na filosofia da mente, ainda existem tópicos a serem resolvidos. De certo modo, o dualismo contribui para questionarmos conceitualmente e refletirmos sobre a natureza da consciência e, assim, diferentes tipos de dualismo propostos por Platão, Descartes e Chalmers colaboram para problematizarmos uma das principais inquietações do homem: o que é a mente e o que é a consciência.

Este ensaio teve como objetivo apresentar de maneira introdutória a contribuição do dualismo para o problema mente-cérebro e, posteriormente, para o surgimento da filosofia da mente. Concluindo-se que, mesmo não tendo a mesma importância que teve no passado, o dualismo ainda contribui para a reflexão sobre os problemas metafísicos. Através do seu *dualismo naturalista*, e também por intermédio do argumento zumbi filosófico, nota-se uma nova abordagem do *dualismo cartesiano*, bem como uma nova roupagem à teoria dos autômatos de formulada por Descartes.

Chalmers propõe igualmente novas questões: faria sentido concebermos um ser ou até mesmo um mundo possível no qual habitam seres que não possuem consciência? É possível definir o que é consciência? Questões como essas orientam as reflexões dos filósofos da mente, possibilitando outras investigações científicas e filosóficas que impactam diretamente sobre a compreensão da mente humana.

* * *

Referências

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: ed. Martins Fontes, 2007.

BARTOSZECK, Flávio Kulevicz *Tipos de Dualismo na Filosofia da Mente*. Disponível em:

<https://www.redepsi.com.br/2007/06/08/tipos-de-dualismo-na-filosofia-da-mente/>. Acessado em fevereiro de 2021.

BORGONI, Daniel. “A Experiência Consciente em David Chalmers.” *Filogênese*, v. 1, p. 97-108, 2011. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/DanielBorgoni.pdf>. Acessado em fevereiro de 2021.

BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de filosofia*. Trad. Desidério Murcho. Rio de Janeiro: ed. Jorge Zahar, 1997.

CESCON, Everaldo. “O Método Interdisciplinar de Investigação da Consciência Consciente de Si.” *Ciências & Cognição*, 14 (1), 2009, p. 14-25. Disponível em: <http://www.cienciascognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/40>. Acessado em abril de 2021.

“Quatro Perspectivas Contemporâneas em Filosofia da Mente.” *Revista Internacional de Filosofia*. Suplemento 3, 2010, p. 321-335. Disponível em: <https://revistas.um.es/daimon/article/view/119491>. Acessado em fevereiro de 2021.

CHALMERS, John David. “Enfrentando os problemas da consciência.” Trad. Pedro H. G. Muniz. *Prometheus - Journal of Philosophy*, 12(33), 2020 p. 319-352. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/prometeus/article/view/13820>. Acessado em abril de 2021.

Naturalistic Dualism. In: VELMANS, Max; SCHNEIDER, Susan (eds). *The Blackwell Companion to Consciousness*. Second Edition, New York: Wiley-Blackwell, 2017.

The Conscious Mind. New York: Oxford University Press, 1996.

DESCARTES, René. *Meditações*. In: ____ Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Jr. 3^a ed. São Paulo: Abril Cultural, (Col. Os Pensadores), 1983.

JORGE, Ana Maria Guimarães. “Qualia e consciência.” *FACOM*, nº 17, 1^º semestre, 2007, p. 55-60. Disponível em: http://www.faap.br/revista_faap/revista_facom/facom_17/ana.pdf. Acessado em abril de 2021.

KIRK, Robert. “Zombies.” *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, 2019. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/zombies/#Bib>. Acessado em fevereiro de 2021.

LEAL-TOLEDO, Gustavo. *O Argumento dos Zumbis na Filosofia da Mente: são zumbis físicos logicamente possíveis?* Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Departamento de Filosofia, PUC-Rio, 2005.

PILAN, Fernando Cesar. “A relevância do conhecimento comum: uma investigação sobre possíveis aproximações do pensamento de John Dewey e Gilbert Ryle.” *Filogenese*, vol. 1, n. 1, p. 251-258, 2008. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/Fernando%20Cesar%20Pilan%20-%2029%20_251-258_.pdf. Acessado em abril de 2021.

PLATÃO. *A República*. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. 9^a ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

ROBINSON, Howard. “Dualism.” *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, 2020. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/dualism/>. Acessado em janeiro de 2021.

RYLE, Gilbert. (1949). “O mito de Descartes”, cap. 1 de *The Concept of Mind*. Trad. M. Luisa Nunes, intitulada *Introdução à Psicologia – O Conceito de Espírito*, Moraes Editores, Lisboa, 1970. Versão preparada pelo professor. Disponível em: <http://opessoa.fflch.usp.br/sites/opessoa.fflch.usp.br/files/Ryle-Mito-Descartes-2.pdf>. Acessado em janeiro de 2021.

TEIXEIRA, João Fernandes, “A teoria da Consciência de David Chalmers”. São Paulo, *Psicologia USP*, vol. 8, n. 2, p. 109-128, 1997. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641997000200006. Acessado em fevereiro de 2021.

_____ *O que é filosofia da mente*. 2a ed. Porto Alegre, RS: ed. Fi, 2016. Disponível em: <https://www.editorafi.org/066joaoteixeira>. Acessado em abril de 2021.

_____ *Mente, Cérebro & Cognição*. Petrópolis: ed. Vozes, 2003.

TYE, Michael. “Qualia.” *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, 2018. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/qualia/>. Acessado em março de 2021.

Recebido 04/05/2021

Aprovado 27/12/2021

Licença CC BY-NC 4.0

